

SHAKESPEARE ENTRE OS TIV

Laura Bohannan. “Shakespeare in the bush Alan Dundes (Org.), *Every Man his Way. Readings in Cultural Anthropology*, pp. 477 86. Englewood Cliffs, N.J. , Prentice-Hall, 1968.

Um dos subprodutos do trabalho-de-campo antropológico é o de possibilitar ao etnógrafo uma oportunidade de ver a sua própria cultura de uma perspectiva diferente. O óbvio e o lugar-comum tornam-se terrivelmente difíceis de explicar e justificar, quando discutidos com um membro de outra cultura. [...] Desse modo, a forma pela qual os membros de outra cultura entendem ou desentendem os materiais da cultura do etnógrafo pode ser extremamente esclarecedora.

Em teoria, um perfeito estudo comparativo de duas culturas deveria prover dados suficientes para se predizer, com certa exatidão, que incompreensões podem advir quando um membro da cultura “A” discute um dado tópico com um membro da cultura “B”. [...]

Quando Laura Bohannan introduziu *Hamlet*, de Shakespeare, entre os *Tiv* da Nigéria, ela constatou que eles interpretavam à luz de sua própria cultura. Isto, obviamente, é o que fazem todos os povos. Assim, o cúmulo da ingenuidade, por parte de benfeitores ou de representante governamental antropológicamente mal informados, é a suposição de que a simples introdução de um “útil” elemento novo em um grupo particular fará com que ele seja “adotado” nesse grupo. A alguns, nunca ocorreu que talvez democracia, cristianismo e ética capitalista não sejam artigos de exportação. Mas, ainda que o fossem, tais idéias estão sujeitas a serem interpretadas de formas diferentes do que o são nos Estados Unidos. Daí o uso do plural — formas — pois cada cultura poderá interpretar estas idéias diferentemente. Por conseguinte, a questão não é apenas o que *Hamlet* significa para os *Tiv*, mas, isto sim, o que *Hamlet* significará para um hindu, um árabe ou um ilhéu Trobriandes? No estudo da cultura e interpretar sua cultura, por exemplo, sua literatura (folclore); precisamos também saber como os membros de outras culturas interpretam nossa literatura e cultura. Por esta razão, o ensaio de Laura Bohannan reveste-se do maior interesse. [...]

(Alan Dundes)

Pouco antes de deixar Oxford para estudar os *Tiv* da África Ocidental, falava-se sobre a temporada shakespereana em Stratford, quando um amigo me

disse: “Vocês, norte-americanos, freqüentemente têm dificuldades com Shakespeare. Ele foi, antes de tudo, um poeta genuinamente inglês, e pode-se facilmente ter uma interpretação errônea do universal pela incompreensão do particular”.

Eu repliquei que a natureza humana é praticamente a mesma por todo o mundo; pelo menos a trama e a motivação das maiores tragédias seriam sempre compreensíveis em toda a parte, embora alguns detalhes do costume tivessem que ser explicados, e as dificuldades de tradução requeressem algumas modificações. Para encerrar uma discussão interminável, meu amigo me ofereceu uma cópia de Hamlet para analisar nos bosques africanos: ela poderia, segundo supunha ele, guiar minha mente acima do ambiente primitivo e, quem sabe, através de prolongada meditação, eu chegasse a alcançar a graça da interpretação correta.

Esta era a minha segunda viagem-de-campo à tribo africana eu me julgava preparada para viver em umas de suas mais remotas seções — uma área de difícil acesso, mesmo a pé. Eventualmente, eu ficaria na tribo de um velho e sábio homem, chefe de um grupo local de cerca de 140 pessoas, que eram, ou seus parentes próximos, ou esposas e filhos destes. Como outros velhos das redondezas, ele passava a maior parte de seu tempo realizando cerimônias raramente vistas, nos dias de hoje, em locais mais acessíveis da tribo. Eu estava deleitada. Logo viriam três meses de isolamento e ócio forçados, no intervalo entre a colheita — realizada antes da inundação do terreno — e a limpeza de novos campos de plantio — logo que secam os pântanos. Neste ínterim, pensava eu, eles teriam mais tempo para despedir em cerimônias e explicá-las para mim.

Mas eu estava completamente enganada. A maioria das cerimônias exigia a presença de velhos de muitos outros grupos locais. Só que, à medida que os pantanais se alastram, os velhos encontram muita dificuldade em caminhar de uma localidade para outra e, gradualmente, cessam as cerimônias, cessando, outros sim, todas as demais atividades, à exceção de uma: a ingestão, por homens, mulheres e crianças, da cerveja de milho e sorgo fermentada pelas mulheres.

As pessoas começavam a beber pela alvorada. Pelo meio-dia, todo o grupo estava cantando, dançando e batucando. Quando chovia, as pessoas tinham que permanecer dentro das cabanas: ali eles bebiam e cantavam, ou bebiam e contavam histórias. Em qualquer caso, pela noitinha ou antes, eu tinha ou que me juntar à festa, ou então recolher-me à minha cabana e meus livros. “Não se discute assunto sério quando há cerveja. Venha, beba com a gente”, diziam. Mas, já que me faltava capacidade para ingerir a forte cerveja nativa, eu passava mais e mais tempo com *Hamlet*. Antes o fim do segundo mês, minha compreensão

aclarou-se. Eu estava absolutamente certa de que *Hamlet* tinha uma única interpretação possível, e esta, universalmente válida.

Toda manhã, bem cedo, na esperança de ter alguma conversa séria antes da festa da cerveja, eu costumava chamar o velho homem. Um dia, penetrando em sua cabana, eu deparei com a maior parte dos homens do grupo amontoados em jiraus e enrolados em suas roupas esfarrapadas. Procuravam eles esquentar-se ao fogo fumacento do local. No centro havia três potes de cerveja. A festa havia começado.

O velho homem acolheu-me cordialmente: “Sente-se e beba”. Eu enchi uma cabaça própria para se beber cerveja e emborqueei-a. [...] O velho acrescentou: “Você deveria sentar e beber com a gente mais freqüentemente. Seus ajudantes me disseram que, quando você não está conosco, você fica dentro de sua cabana olhando para um papel”. [...]

Expliquei-lhe, então que o meu “papel” referia-se a “coisas de muito tempo atrás” ocorridas em minha terra.

“Ah”, disse o velho homem, “conte-nos”.

Eu respondi que não era um contador de histórias. Contar histórias é uma arte especializada entre eles; as suas exigências são muito altas e o público é bastante crítico nessas ocasiões. Eu protestei em vão. Nessa manhã queriam ouvir uma história enquanto bebiam. Ameaçaram não me contar mais histórias até que eu lhes contasse uma das minhas. Finalmente, o velho homem afiançou que ninguém iria criticar o meu estilo, “pois sabemos que você está lutando com nossa língua”. “Mas”, acrescentou um dos velhos, “você deverá nos explicar o que nós não entendermos, como fazemos quando lhe contamos as nossas histórias”. Compreendo que ali estava a minha chance de provar que *Hamlet* era universalmente compreensível, eu concordei.

Para me estimular, o velho homem serviu-me mais cerveja. Os homens encheram seus longos cachimbos de madeira, acendendo-os com brasa da fogueira. E, tirando baforadas satisfeitas, prepararam-se para me ouvir. Eu comecei no estilo apropriado: “nem ontem, nem antes de ontem, mas há muito tempo, muito tempo atrás, aconteceu uma coisa. Certa noite, três homens montavam guarda do lado de fora da casa do grande chefe, quando, subitamente, eles viram o antigo chefe aproximar-se deles”.

“Por que ele não era mais o chefe?”

“Ele estava morto”, expliquei. “Foi por isto que eles ficaram perturbados e aterrorizados quando o viram”.

“Impossível”, começou um dos velhos, passando seu cachimbo para o vizinho que, por sua vez, enlodou: “certamente não era o chefe morto. Era um presságio enviado por um feiticeiro. Continue”.

Ligeiramente perturbada, eu continuei. “Um daqueles três, era um homem-que-sabia-coisas” — a tradução mais próxima de erudito, mas, infelizmente, também com o significado de feiticeiro. O segundo velho olhou triunfalmente para o primeiro. “Assim, ele falou ao chefe morto, dizendo: “Diga-nos o que devemos fazer para que você descanse em seu túmulo”, mas o velho chefe não respondeu. Esvaneceu-se, e eles já não puderam vê-lo. Então, o homem-que-sabia-coisas — seu nome era Horácio — disse que esse evento era assunto para o filho do chefe morto, Hamlet”.

Houve um geral e negativo movimento de cabeças ao redor do círculo. “O chefe morto não tinha irmãos vivos? Ou este filho era chefe?”

“Não”, eu repliquei. “Isto é, ele tinha um irmão vivo que se tornou o chefe quando o irmão mais velho morreu”.

O velho homem resmungou: tais presságios eram assunto para chefes e velhos, não para os mais jovens: nenhum bem poderia advir, fazendo-os as coisas pelas costas do chefe. Estava-se vendo que Horácio não era um homem que sabia coisas.

“Era sim”, insisti, enquanto espantava uma galinha da minha cerveja. “Em nossa terra o filho é ligado ao pai. O irmão mais novo do chefe morto havia se tornado o grande chefe, casando-se com a viúva do irmão mais velho, decorrido apenas um mês após o funeral”.

“Ele fez muito bem”, o velho homem sorriu, anunciando para os outros: “Eu lhes disse que se nós conhecêssemos mais a respeito dos europeus terminaríamos achando que eles são muito parecidos conosco. “Em nossa terra também”, disse ele, dirigindo-se a mim, “o irmão mais novo casa-se com a viúva do irmão mais velho e torna-se o pai de seus filhos. Agora, se seu tio, aquele que se casou com sua mãe viúva, for irmão verdadeiro de seu pai, então ele será um pai verdadeiro para você. O pai e o tio de Hamlet tinham a mesma mãe”?

Mal percebi a sua pergunta. Eu estava suficientemente aturdida por ver desencantado um dos mais importantes elementos de *Hamlet*. Hesitante, respondi supor que eles tivessem a mesma mãe, mas que eu não tinha certeza — a história nada dizia. Com severidade, o velho homem observou que esses pequenos detalhes genealógicos faziam toda a diferença e que, voltando para casa, eu devia inquirir os mais velhos a respeito disso.

Disposta a salvar o que fosse possível da passagem a respeito da mãe, respirei profundamente e recomecei. “O filho, Hamlet, estava muito triste porque sua mãe havia se casado novamente tão depressa. Não havia necessidade de ela fazer isso e é nosso costume que uma viúva não se case novamente antes de decorridos dois anos.”

“Dois anos é muito tempo”, retrucou a mulher do velho homem, que acabara de entrar. “Quem irá lhe preparar a terra para o plantio, enquanto você não tem marido?”

“Hamlet”, eu retorqui sem pensar, “era velho o suficiente para preparar, ele mesmo, os campos de sua mãe. Não havia necessidade dela apressar tanto o novo casamento”. Ninguém pareceu tão convencido. E eu desisti. “Sua mãe é o grande chefe disseram a Hamlet para não ficar triste, pois o grande chefe seria um pai para Hamlet. Além disso, Hamlet seria o próximo chefe. Por conseguinte, ele precisaria permanecer ali pra aprender as coisas de um chefe. Hamlet concordou em permanecer e foram todos tomar cerveja”.

Enquanto eu fazia uma pausa, sem saber como transmitir o angustiante monólogo de Hamlet a uma audiência convencida de que Cláudio e Gertrude haviam se conduzido da melhor maneira possível, um dos jovens perguntou-me quem havia se casado com as outras esposas do chefe morto.

“Ele não tinha outras esposas”, respondi.

“Mas um chefe deve ter muitas esposas: De que outra maneira pode ele fermentar a cerveja e preparar o alimento para todos os seus convidados?”

Eu disse firmemente que, em nossa terra, mesmo o chefe tinha apenas uma esposa; que todos eles tinham servos para fazer seu serviço e que ele lhes pagava do dinheiro recebido através de impostos.

Seria melhor para o chefe, retrucaram eles, muitas esposas e filhos que o ajudassem a preparar suas terras e alimentar seu povo; assim, todo mundo amaria o chefe que dá muito e não toma nada — impostos são uma coisa ruim.

Eu concordei com o ultimo argumento, apelando quanto ao mais, para a sua maneira favorita de burlar minhas perguntas: “É desta maneira que devemos fazer, e é assim que fazemos”.

Decidi omitir o monólogo. Ainda que pensasse ter Cláudio o direito de casar-se com a viúva do seu irmão, havia ainda o tema do veneno, e eu sabia que eles desaprovavam o fratricídio. Recomecei mais esperançosa: “Naquela noite, Hamlet permaneceu vigilante, em companhia dos três homens que tinham visto seu falecido pai. O chefe morto apareceu novamente e, embora os outros estivessem com medo, Hamlet acompanhou seu falecido pai a um centro. Quando eles estavam sozinhos, seu pai falou...”

“Presságios não podem falar.” disse enfaticamente o velho homem.

“O falecido pai de Hamlet não era um presságio. Vê-lo, poderia ter sido um presságio; mas ele não o era”. Minha audiência parecia tão confusa quanto minha explicação. “Era o falecido pai e Hamlet. Ele era aquilo que nós chamamos um ‘ghost’ (fantasma)”. Eu tive que usar o termo em inglês, pois, à diferença de outras tribos vizinhas, este povo não acredita na sobrevivência após a morte de qualquer parte individualizada da personalidade.

“O que é um ‘ghost’? Um agouro?”

“Não um ‘ghost’ é alguém que está morto, mas que pode aparecer e conversar; as pessoas podem ouvi-lo e vê-lo, mas não podem tocá-lo”.

Eles objetaram. “Pode se tocar em zumbis”?

“Não, não! Não era um corpo morto que feiticeiros tivessem animado para sacrificar e comer. Ninguém fez o falecido pai de Hamlet caminhar. Ele o fez sozinho”.

“Homens mortos não podem aparecer”, protestou minha audiência em unísono.

Eu já estava quase a fim de transigir. Um ‘ghost’ é a sombra do homem morto”. Mas novamente eles objetaram: “Homens mortos não possuem sombra”.

“Na minha terra eles a possuem”, bradei.

O velho homem sufocou o murmúrio de descrédito que imediatamente se levantou, dizendo-me, com aquela concordância insincera, mas cortês, que alguém concede às fantasias dos jovens ignorantes e supersticiosas: “Sem dúvida, em sua terra, os mortos podem também caminhar, sem ser zumbis”. Do fundo de sua sacola ele retirou um fragmento de noz de cola e, mordendo uma das pontas, para mostrar que não estava envenenada, ofereceu-me o restante como uma oferta de paz.

“De qualquer forma”, recomecei, “o falecido pai de Hamlet disse que seu próprio irmão, aquele que se tornara chefe, o tinha envenenado. Ele queria que Hamlet o vingasse. Hamlet acreditou plenamente, pois ele não gostava do irmão de seu pai”. Tomei mais um gole de cerveja. “Na terra do grande chefe, vivendo na mesma casa, pois esta era muito grande, havia um velho muito importante que estava freqüentemente com o chefe para aconselhá-lo e ajudá-lo. Seu nome era Polonio. Hamlet estava cortejando sua filha, mas o pai e o irmão dela (e eu procurei alguma analogia tribal) avisaram-na para não deixar Hamlet visitá-la quando ela estivesse sozinha ou em sua plantação, pois ele viria a ser o grande chefe, e não poderia casar-se com ela”.

“Por que não?” perguntou a esposa que havia se sentado na ponta do assento do velho homem. Este, fazendo-se carrancudo, resmungou: “Eles viviam na mesma casa”.

“Não foi por esta razão”, expliquei. “Polonio era um estrangeiro que vivia na casa porque ele ajudava o chefe, e não porque ele fosse um parente”.

“Então, por que Hamlet não poderia casar-se com ela?”

“Ele poderia”, respondi, “mas Polonio não acreditava que ele o fizesse. Além disso, Hamlet era um homem de grande importância e, como tal, deveria casar-se com a filha de um chefe, pois em sua terra um homem pode ter apenas uma esposa. Polonio tinha receio que se Hamlet namorasse sua filha, ninguém mais, então, pagaria um alto preço por ela”.

“Isto pode ser verdadeiro”, observou um dos velhos mais sagazes, “mas o filho de um chefe daria ao pai de sua amante bastante presentes e patronagem mais que suficiente para eliminar a diferença. Polonio, a meu ver, não passa de um tolo”.

“Muitas pessoas também pensam assim”, concordei. “Nesse meio tempo, Polonio enviou seu filho Laerte para Paris, a fim de aprender as coisas daquela terra, que era de um chefe também muito grande. Como ele receasse que Laerte pudesse gastar muito dinheiro com cerveja, mulheres e jogo, e também meter-se em brigas, ele, secretamente, enviou um de seus servos a Paris, para espionar Laerte. Um dia Hamlet encontrou-se com a filha de Polonio. Ele agiu de modo tão estranho que a assustou. Na verdade – eu estava procurando palavras para expressar a dúbia qualidade da loucura de Hamlet - “o chefe e muitos outros tinham também notado que, quando Hamlet falava, podia-se compreender as palavras, mas não o que elas significavam. Muitas pessoas pensavam que ele havia ficado louco”. Minha audiência, subitamente, tornou-se mais atenta. Continuei. “O grande chefe queria saber o que estava errado com Hamlet e assim ele chamou dois companheiros-de-idade de Hamlet (colegas de escola teria demandado longa explicação) para com ele conversar e descobrir o que atormentava seu coração. Hamlet, vendo que eles tinham sido subornados pelo chefe no sentido de traí-lo, nada lhes disse. Polonio, contudo, afirmava que Hamlet estava louco porque fora proibido de ver Ofélia, a quem amava”.

“Por que?”, inquiriu uma voz perplexa. “Por que alguém iria enfeitiçar Hamlet por causa disso?”

“Enfeitiçá-lo”?

“Sim, apenas a feitiçaria pode tornar alguém louco, a menos, é claro, que este alguém veja os seres que se ocultam na floresta”.

Nesta altura, eu deixei de ser um contador de histórias. Peguei meu caderno de notas e pedi que me dissessem a respeito dessas duas causas de loucura. Enquanto falavam e eu anotava, não obstante, calcular o efeito desse novo fator sobre o enredo. Hamlet não estivera exposto aos seres que se ocultavam na floresta. Apenas seus parentes por linha paterna poderiam enfeitiçá-lo. Não sendo mencionados por Shakespeare parentes que opusessem obstáculos, Cláudio é quem estaria procurando prejudicá-lo. E, por certo, era ele.

Por um instante, eu evitei novas perguntas dizendo que o grande chefe também se recusava a acreditar que Hamlet estivesse louco por amor a Ofélia e nada mais. “Ele estava certo que alguma coisa muito mais importante estava atormentando o coração de Hamlet”.

“Por essa ocasião, os companheiros-de-idade de Hamlet”, continuei, “tinham trazido consigo um famoso contador de histórias. E Hamlet decidiu que esse homem contaria ao chefe e a todo o seu grupo uma história sobre um

homem que havia envenenado seu irmão, porque desejava a esposa desse irmão e queria, ele próprio, ser o chefe. Hamlet estava certo de que o grande chefe não poderia ouvir a história sem demonstrar que ele, na verdade, era culpado; aí, então, ele descobriria se seu falecido pai lhe tinha dito a verdade”.

Com profunda sagacidade, o velho homem interrompeu. “Por que um pai mentiria a seu filho?” Perguntou.

Eu atalhei: “Hamlet não estava certo de que fosse realmente seu falecido pai”. Era impossível dizer qualquer coisa, naquela língua, sobre visões inspiradas pelo demônio.

“Você quer dizer”, disse ele, “que aquilo que era realmente um presságio e ele sabia que, algumas vezes, os feiticeiros enviam falsos agouros. Hamlet foi um tolo por não procurar, em primeiro lugar, um vidente. Um ‘homem que vê a verdade’ poderia dizer-lhe como seu pai havia falecido, se ele realmente havia sido envenenado e se tinha havido feitiçaria, então, Hamlet poderia ter chamado os mais velhos para resolver a questão”.

O velho astuto aventurou-se a discordar. “Dado que o irmão de seu pai era um grande chefe, ‘aquele que vê a verdade’ poderia ter tido medo de dizer a verdade. Eu penso que foi por esta razão que um amigo do pai de Hamlet – um feiticeiro, e velho – enviou um presságio para que o filho de seu amigo ficasse sabendo. O agouro disse a verdade?”

“Sim”, eu respondi, abandonando fantasmas e o diabo, já que teria que ser um agouro enviado por um feiticeiro. “Ele estava dizendo a verdade, pois estando o contador de histórias contando sua história na frente de todos, o grande chefe teve medo. Suspeitando que Hamlet conhecesse seu segredo, ele planejou matá-lo”.

A passagem seguinte apresentava algumas dificuldades de tradução. Comecei cautelosamente. “O grande chefe pediu ‘a mãe de Hamlet para descobrir com seu filho o que ele sabia. Mas, como os filhos de uma mulher estão sempre em primeiro lugar em seu coração, ele colocou o velho e importante Polônio escondido atrás de um pano que estava pendurado na parede da cabana de dormir da mãe de Hamlet. Hamlet começou a censurar a mãe pelo que ela havia feito”.

Houve um murmúrio geral de espanto. Um homem nunca poderia censurar a mãe.

“Com medo, ela gritou e Polônio moveu-se atrás do pano”. Berrando ‘um rato’, Hamlet tomou de seu machado e com ele golpeou o pano. Fiz uma pausa para efeito dramático. “Ele havia matado Polônio!”

Os homens velhos entreolharam-se com suprema reprovação. “Este Polonio era mesmo um tolo e um homem que não sabia nada! Que criança não saberia o suficiente para gritar ‘sou eu!’ Com desalento, só então lembrei que

este é um povo de grandes caçadores, sempre armados com arco, flecha e machado; a qualquer movimento na mata uma flecha é assestada e o caçador grita “çaça!” Imediatamente, se nenhuma voz humana responde, a flecha é lançada. Como um bom caçador Hamlet havia gritado, “um rato!”

Empenhei-me em salvar a reputação de Polônio. “Polônio havia falado. Hamlet o ouviu. Mas este pensou que fosse o chefe e ele queria matá-lo para vingar seu pai. Ocorreu-lhe matá-lo, mais cedo que pensara, naquela tarde...” Mas desisti, incapaz de descrever a estes pagãos, que não acreditavam na sobrevivência da alma, a diferença entre morrer cercado de preces e morrer “desamparado, sem extrema-unção”.

Já então eu havia melindrado seriamente a minha audiência. “Um homem erguer sua mão contra o irmão de seu pai e aquele que se tornou seu pai é uma coisa abominável. Os mais velhos devem deixar tal homem ser enfeitiçado”. Eu mordi minha noz de cola com certa perplexidade, ponderando que, afinal de contas, o homem havia matado o pai de Hamlet.

“Não”, pronunciou o velho homem, falando menos para mim do que para os jovens sentados atrás dos mais velhos. “Se o irmão de seu pai matou o seu pai, vocês devem recorrer aos companheiros-de-idade de seu pai; eles podem vingá-lo. Nenhum homem pode usar de violência contra seus parentes mais velhos”. Um outro pensamento lhe ocorreu. “Mas, tivesse sido o irmão de seu pai suficientemente malvado para enfeitiçar Hamlet e convertê-lo num louco, esta, na verdade, seria uma boa história, pois seria por sua culpa que Hamlet, estando louco, já não tivesse qualquer senso, estando, assim, pronto a matar o irmão de seu pai”.

Houve um murmúrio de aprovação. Hamlet era novamente uma boa história para eles, mas já não parecia mais a mesma história para mim. Refletindo sobre as próximas complicações da trama e enredo, acovardei-me e decidi passar rapidamente pelo terreno perigoso.

“O grande chefe”, prossegui, “não estava pesaroso por Hamlet ter matado Polônio. Isto deu um motivo para despachar Hamlet, acompanhado por seus dois companheiros traidores, com cartas a um chefe de uma terra distante, dizendo que Hamlet deveria ser morto. Mas Hamlet modificou o que estava escrito no papel, de forma que o chefe matou seus companheiros-de-idade em vez dele” (...).

Antes que Hamlet pudesse retornar, Laerte voltou para o funeral de seu pai. O grande chefe contou-lhe que Hamlet havia matado Polônio. Por causa disso, Laerte jurou matar Hamlet e, também, porque sua irmã Ofélia, sabendo que seu pai havia sido morto pelo homem que ela amava, enlouqueceu e jogou-se no rio, vindo a perecer”.

“Você já esqueceu o que nós lhe dissemos?” O velho homem estava cheio de reprovação. “Não se pode vingar-se de um homem louco; Hamlet matou Polônio em sua loucura. Com relação à moça, ela não apenas ficou louca, ela se afogou. Apenas feiticeiros podem afogar pessoas. A água sozinha não pode maltratar ninguém. Ela é meramente algo que uma pessoa bebe e em que toma banho”.

Eu comecei a me aborrecer. “Se vocês não gostam da história, eu vou parar”.

O velho homem fez gestos pacificadores, oferecendo-me, ele próprio, um pouco mais de cerveja. “Você conta história bem e nós estamos ouvindo. Mas é claro que os velhos de sua terra nunca lhe contaram o significado real desta história. Não, não interrompa! Nós acreditamos em você, quando você diz que seus costumes de casamento são diferentes, ou suas roupas e armas. Mas as pessoas são as mesmas em toda parte; assim, sempre há feiticeiros e somos nós, os velhos, que sabemos como os feiticeiros trabalham. Nós lhe dissemos que foi o grande chefe quem desejou matar Hamlet e agora suas próprias palavras provaram que estamos certos. Quem eram os parentes masculinos de Ofélia?”.

“Apenas seu pai e seu irmão”. Hamlet estava claramente fora de minhas mãos.

“Devia haver outros; isto também você deve perguntar aos velhos, quando voltar à sua terra. Do que você nos contou, desde que Polônio estava morto, deve ter sido Laerte quem matou Ofélia, embora eu não possa ver uma razão para isto”

Tínhamos esvaziado um pote de cerveja e o velho homem questionava o assunto com um interesse levemente vacilante. Afinal, um deles perguntou: “O que foi que o servo de Polônio disse ao regressar?”

Com dificuldade, eu relembrei Reinaldo e sua missão. “Eu creio que ele não voltou antes de Polônio morrer”.

“Ouça”, disse o velho, “e eu lhe direi como foi e como há de continuar a sua história, então você me dirá se eu estou certo. Polônio sabia que seu filho arranjaria encrenca e ele o fez. Ele tinha muitas multas a pagar por brigas e dívidas de jogo. Mas ele tinha apenas duas formas de arrumar dinheiro rapidamente. Uma, era casar sua irmã imediatamente; mas é difícil encontrar um homem que queira casar com uma mulher desejada pelo filho de um chefe. Pois, se o herdeiro de um chefe comete adultério com a sua esposa, que pode você fazer? Apenas um tolo criaria um caso contra um homem que será algum dia seu juiz. Daí, Laerte teve que tomar o segundo caminho: ele matou sua irmã por feitiçaria, afogando-a, de forma que ele pudesse, secretamente, vender seu corpo aos feiticeiros”.

Ensaiei uma objeção. “Eles encontraram seu corpo e o enterraram, na verdade, Laerte pulou dentro da cova para ver sua irmã mais uma vez – vê-se, assim, que o corpo estava mesmo lá. Hamlet, que acabara de voltar, pulou após ele”.

“Que foi que eu lhes disse?”. O velho dirigiu-se aos demais. “Laerte não tinha boas intenções quanto ao corpo de sua irmã. Hamlet o impediu, porque o herdeiro de um chefe, assim como o chefe, não deseja que qualquer outro homem se torne rico e poderoso. Laerte estaria irritado, porque ele teria matado sua irmã sem qualquer benefício próprio. Em nossa terra, ele tentaria matar Hamlet por causa disso. Não foi o que aconteceu?”

“Mais ou menos”, eu admiti. “Quando o grande chefe descobriu que Hamlet ainda estava vivo, ele encorajou Laerte a matar Hamlet e arranjou uma luta com machados entre eles. Na luta ambos os jovens foram feridos de morte. A mãe de Hamlet bebeu a cerveja envenenada que o chefe havia preparado para Hamlet, no caso dele vencer a disputa. Quando viu sua mãe morrer de envenenamento, Hamlet, correndo conseguiu manobrar o machado e matar o irmão de seu pai”.

“Você vê, eu estava certo!” Exclamou o mais velho.

“Esta foi uma história muito boa”, acrescentou o velho homem, “e você a contou com muitos poucos enganos. Há apenas mais um erro, bem no final. O veneno que a mãe de Hamlet bebeu estava preparado para o sobrevivente da disputa, fosse quem fosse. Se Laerte tivesse vencido, o grande chefe o teria envenenado, pois assim ninguém viria a saber que ele havia tramado a morte de Hamlet. Assim, também ele não precisaria temer a feitiçaria de Laerte; é necessário um coração de pedra para matar a própria irmã por feitiçaria”.

“Algum dia”, concluiu o velho homem, ajeitando a sua toga esfarrapada em torno de si, “você deve nos contar mais histórias de sua terra. Nós, que somos mais velhos, a instruiremos em seu verdadeiro sentido, de forma que, quando você voltar à sua própria terra, seus velhos verão que você não esteve ingenuamente no mato, mas sim entre aqueles que sabem coisas e que lhe ensinaram sua sabedoria”.